

O ATO ANALÍTICO E A PRESENÇA (NEGATIVIZADA) DO ANALISTA

Rafaela Brandão Alves¹

Jean-Michel Vivés²

Daniela Scheinkman Chatelard³

RESUMO

O presente texto se propõe a problematizar a prática dos atendimentos *online* a partir da noção de presença do analista e a função do ato analítico em um processo de análise. Para isso, discutiremos o lugar do corpo do analista e do sensível no campo da psicanálise, pensando a experiência de análise como uma experiência com um sensível em ressonância. Somos, assim, convocados a sustentar uma sensibilidade outra, aquela que consente com a ressonância do real.

PALAVRAS-CHAVE: Ato Analítico. Ressonância. Presença. Corpo. Real.

¹ Psicanalista. Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB) e pela Université Côte d'Azur (Nice/França). Email: brandaoalvespsi@gmail.com Telefone: +55 62 999462561 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1252-4827>

² Psicanalista, Professor Doutor na Université Côte d'Azur (Nice/França). Email : jeanmichelvives@gmail.com. Telefone : +33 613421739 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9493-9945>

³ Psicanalista e Professora Doutora na Universidade de Brasília (UnB). Email : dchatelard@gmail.com. Telefone : +55 61 981172282 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7925-573X>

INTRODUÇÃO

Desnecessário atestar que os tempos já não são os mesmos. A saudade de nos cruzarmos com sorrisos ao vento é só uma pequena amostra do todo. É inevitável diante de tanto não nos perguntarmos o que grandes nomes da psicanálise estariam pensando sobre as transformações as quais estamos sendo empurrados a viver.

Em nossa prática fomos obrigados a nos confrontar com uma situação que já estava presente e provocava debates entre os pares, mas parecia não haver grande empuxo à teorização, estamos falando dos atendimentos à distância ou via remota, se preferirem. Diante da impossibilidade dos encontros em nossos consultórios, começamos a habitar nossos sofás, camas e escritórios para nos encontrarmos com os analisantes do modo como dava, o que por um tempo fora unicamente via telas de computador e celular⁴. Não há dúvidas de que o enquadre mudou. Nos parece, pois, significativo refletirmos sobre as consequências de tais mudança e nos questionarmos se elas afetam ou não o que foi proposto como presença do analista.

É famosa a frase lacaniana de que um analista deve estar à altura de seu tempo, “Deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1953/1998, p. 322). Nos últimos anos essa afirmação tem ecoado como um imperativo, até estranha o uso lacaniano do verbo muito pouco associado à função do psicanalista, “dever”. Nos aponta Rinaldo Voltolini (2018), em *O psicanalista e a polis*, ser curioso que esta frase tenha circulado menos como uma advertência e mais como uma palavra de ordem, “Fato significativo, uma vez que são os psicanalistas aqueles que estão mais bem advertidos quanto aos riscos das palavras que funcionam no registro da ordem.” (p.47).

Pois bem, essa assertiva merece cuidado ao ser empregada, já que sem grandes dificuldades podemos usá-la conforme nossa intenção de convencimento. Para Voltolini (2018), fica em aberto o que seria “ter em seu horizonte a subjetividade de sua época”: o que então precisamos fazer ou não fazer para estarmos à altura do nosso tempo? Ele propõe duas possibilidades, ser o analista culto e atento às reverberações do contexto em nossa subjetividade ou ser o analista prático que adapta seu fazer às mutações que a conjuntura por vezes nos demanda. Certamente

⁴ A temática dos atendimentos via remota não é central a este trabalho, mas concluímos ser pertinente trazê-la para o debate devido a convergência com o nosso objeto de estudo.

um vislumbre de resposta não precisa se fixar em um desses polos, podemos tentar pensá-los sem exclusividade. Por hora, deixemos como uma provocação.

Que fique claro, a mudança não é o problema, bem o contrário disso, nela está a possibilidade do novo. Talvez uma análise da questão deva perpassar a discussão sobre quais fins tais mudanças estão servindo e, com isso, quais as repercussões. Sempre nos lembramos da problematização feita por Walter Benjamin (1935-36/2012) em *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* sobre as transformações nas produções artísticas e o impacto delas na experiência receptiva. Seu olhar não continha um cunho moralizante, isso é melhor ou pior do que o que tínhamos, o intuito era analisar como as transformações no campo estético reverberaram no campo político sem nostalgias conservadoras.

A nós, nos cabe então examinar como fica o campo do sensível na experiência analítica em relação a ausência dos corpos em um mesmo ambiente ainda que em presença do analista. Afinal de qual presença estamos falando?

PRESENÇA SIGNIFICANTE DO ANALISTA

Para começarmos vamos trazer o relato de Marie-Christine Lasnik (2009) no texto “Ritmo, presença, voz, respiração. Testemunho sobre o manejo da transferência em Lacan”, em que ela compartilha conosco sua experiência com a presença teatral de seu analista, “Lacan não era verboso, mas ator; ele representava a cena à qual meu inconsciente o designava” (p. 65).

Ela nos fala sobre o efeito da respiração, do barulho do passar de páginas e do tom da voz em fazer operar o inconsciente, “Sentia então Lacan se aproximar e eu ouvia o ritmo de sua respiração; o que tinha sua eficácia: eu retomava meu fluxo associativo. Era, portanto, levada pela rítmicidade daquele som.” (Lasnik, 2009, p. 69). Segundo ela, o fazer lacaniano explorava a sonoridade em suas múltiplas aparições, a respiração ao pé do ouvido era um chamado a trabalhar, a se entregar. Para retomar nosso léxico, diríamos que o ritmo corporal buscava não deixar dormir o tambor interior: “Embora nada se inscreva num corte da respiração, ela é, contudo, ritmo, pulsação, alternância vital (...)” (LASNIK, 2009, p. 70).

Além disso ela conta uma curiosidade que não nos pareceu sem importância. Lasnik (2009) ressalta em seu texto que o ritmo não foi um elemento explorado no ensino do psicanalista francês, mas, ao mesmo tempo, ele teria demonstrado

interesse pela temática “dos ritos de possessão no Brasil e sua eficácia” (p.71), tema que abordava o ritmo musical, incentivando-a a estudá-lo. Ela disse ter compreendido naquele momento como o ritmo atuou como um instrumento de decantação do seu desejo durante toda sua análise com Lacan.

Fato é, o psicanalista em questão não recuava em usar seu corpo como instrumento de provocação da associação livre, temos a impressão de que ele lançava mão, o corpo todo se preciso, do que tivesse no seu campo de possibilidades para cumprir com a função de fazer advir o inconsciente. Isso nos faz pensar no que Soler (2009) diz sobre a psicanálise ser uma prática de “proximidade” (p. 70), e, repara-se a data, “(...) na qual subtraímos o face a face, face a face que é um corpo a corpo visual, mas não subtraímos a presença dos corpos.” (p.70). Mais de dez anos depois, não podemos dizer o mesmo, a presença dos corpos precisou ser subtraída.

Com efeito, se nós rastreamos um único momento na obra lacaniana em que ele aborda a presença dos corpos, confrontação entre os corpos, como ele diz, é porque uma prática em que esta presença pudesse ser suprimida não fizera parte dos seus presságios. Queremos dizer com isso que a discussão sobre a presença do analista não tangenciava esse ponto, ele já estava como dado. Aliás, o que temos de relatos sobre as análises desde a época freudiana é que os sujeitos se lançavam em longas viagens para se encontrarem com seus analistas. E se eles partiam nessa jornada é porque a presença do analista já estava lá antes mesmo de subirem no trem.

A expressão “presença do analista” fora igualmente empregada por Sacha Nacht (1963, citado por Ladeira, 2014), em texto homônimo, alguns anos antes do Seminário em que Lacan (1964/2008) subverte radicalmente a acepção dada por ele. Para Nacht, a transferência seria uma regressão a um modo primitivo de relação em que mãe e filho viviam num estado de indistinção, assim, a análise teria que pôr fim ao seu próprio motor, a neurose de transferência. Preocupado com isso, ele defende que o analista deve oferecer ao analisante uma presença que lhe dê segurança e acolhimento para que ele possa enfrentar os medos que dificultam o processo de fortalecimento de si.

Medida técnica nenhuma pode levar a cura a um fim satisfatório se a realidade do psicanalista, sua presença, não estão ali para proteger o sujeito contra seus medos inconscientes e liberá-lo progressivamente deles. As tomadas de consciência sucessivas, indispensáveis para a cura, são impossíveis ou ineficazes se o enfermo não encontra apoio seguro que lhe oferece certa qualidade de presença de seu médico. (NACHT, 1963 citado por LADEIRA, 2014, p.8)

Quer dizer, a presença do analista se resumiria na atitude de não frustrar o analisante, pois “(...) o enfermo deve perceber nessa presença uma constante disponibilidade e uma acolhida incondicional, uma paciência ilimitada e uma capacidade de entrega que resumem para ele esse amor do qual se sente separado desde a infância.” (NACHT, 1963 citado por LADEIRA, 2014, p.9). Nos termos de Nacht, o sucesso de uma análise dependeria da personalidade e das qualidades do analista, contrapondo toda essa disposição à suposta neutralidade exigida por Freud. Ou seja, mais importante do que a técnica empregada, seria a autenticidade do analista com suas “atitudes profundas e reais.” (NACHT, 1963, citado por Ladeira, 2014, p.13).

Em síntese, a presença do analista estaria associada às capacidades pessoais em transmitir um ambiente “apaziguador” e “seguro”. Ao fazê-lo, com o tempo, o analista começaria a fazer parte da realidade objetiva do analisante saindo do campo fechado da transferência (NATCH, 1963, citado por LADEIRA, 2014). A transferência seria um laço ilusório oposto à realidade, por isso, teria que ser liquidada.

Natch (1963 citado por Ladeira, 2014) fala como se houvesse uma cisão entre uma realidade externa e outra interna onde se poderia colocar e tirar o analista. Contudo, para Lacan, a transferência não é uma ilusão, mas a cena na qual o inconsciente pode ser jogado, sendo a presença do analista uma manifestação do inconsciente (LACAN, 1964/2008). Ou seja, ela não tem a ver com as qualidades e o caráter do analista; claro, cada qual se joga na cena com seu estilo, mas não é este o ponto fulcral. A teimosia lacaniana fora exatamente esta, desconectar a transferência, um fenômeno que só pode ser apreendido enquanto um nó, de suas manifestações afetivas e imaginárias (LACAN, 1964/2008).

Claro que há afeto, há acolhimento, há presença terna. Vamos tomar o exemplo de Lacan como trazido por Soler e Lasnik, a primeira diz que, com seu estilo pomposo e teatral, ele tinha uma “(...) presença humana, quase fraterna, do mesmo lado do muro que o analisando” (SOLER, 2009, p.112), e a segunda relata que ele a chamava de “minha jovem”. Imagina que abuso essa intimidade com uma analisante! Poderia ser um abuso? Poderia. E por que, ao que tudo indica, não é? Porque segundo Lasnik (2009), ali havia um chamado ao seu desejo inconsciente: “Hoje, acho simplesmente que aquela era para ele uma oportunidade de ensinar a jovenzinha a amar.” (p. 61),

quer dizer, havia um chamado para que de amada ela passasse a posição de amante, implicando-se, pois, em sua falta.

O que Lacan está tentando nos dizer é que a presença do analista vai além do que a cena transferencial recebe de investimentos afetivos, ela diz do instante em que o analista é pinçado pelo discurso do sujeito, quando ao analista é direcionada uma questão sobre seu ser. Voltamo-nos agora à função Sujeito Suposto Saber. “A questão é, primeiro, para cada sujeito, de onde ele se baliza para dirigir-se ao sujeito suposto saber.” (LACAN, 1964/2008, p. 226). Ela é de saída um fazer-se enganar-se, visto ser função do analista não se ludibriar com a posição que lhe é auferida, isto é, o analista empresta seu juízo, seu corpo e suas palavras para serem apropriadas pela fantasia de cada sujeito que ali chega com uma demanda de saber, sabendo ser um empréstimo sem ressarcimento.

Nesse sentido, a presença do analista não se restringe ao comparecimento do analisante no *setting* clínico, os sonhos nos mostram essa dissociação. Inclusive, alguns analistas se pautam no momento em que o analisante relata ter sonhado com ele ou quando troca “x” nome pelo do analista como um sinal de que a transferência está em marcha e que, podendo-se prescindir do olhar, o analisante pode ser dirigido ao divã, colocando em ênfase a função da voz. Luciano Mattuella (2020) no livro “O corpo do analista”, diz:

Quando podemos ser sonhados, já não precisamos mais estar presentes de forma positivada. Talvez o que esteja em jogo aqui seja a possibilidade de dispensar o corpo do analista como suporte positivado da função do analista. Que esta função se torne um endereçamento da fala, mais do que uma *encarnação em alguém*, me parece um bom indício de que a passagem ao divã seja uma alternativa interessante. (p.32)

Com efeito, concordamos com o autor, para que o analista ocupe o lugar de endereçamento de um saber a presença dos corpos não precisa estar positivada a todo tempo, visto que, uma vez alçado à condição de significante, o analista se faz presente ainda que ausente em sua materialidade. No entanto, a função do analista também comporta a sua responsabilidade em fazer advir o inconsciente, o inconsciente real, logo, ainda que a encarnação em alguém possa ser dispensada para que a presença do analista continue operando, diríamos que a presença dos corpos não pode ser dispensada como suporte negativizado da função do analista.

PRESENÇA NEGATIVIZADA DO ANALISTA

Fazemos um jogo com a frase de Mattuella (2020), presença positivada, a fim de demarcarmos a visada lógica que estamos propondo. Trata-se de uma presença negativizada na medida em que o corpo só é caixa de ressonância por ser furado, ou seja, por ser presença em que se inscreve o negativo da pulsão, seu objeto perdido. Mas, ainda assim, poderíamos pensar que nos encontros via remota os corpos estão positivados, já que podemos vê-los através das telas ou escutá-los pela materialidade das vozes. Deveras, o corpo está positivado em suas faces imaginário-simbólicas, mas o corpo negativizado⁵ está negativado, excluído do campo. E é este que sustenta o ato.

Ao ler o recente livro de Mattuella (2020) concluímos que o corpo do analista discutido é o corpo que pode ou não ser positivado, pode estar ou não capturado pela pulsão escópica, “A experiência do corpo, portanto, é sempre *estética*, na medida em que diz respeito ao encontro do olhar com...algo.” (p.14). Ele ressalta que “Pouco se fala, entretanto, do corpo do psicanalista como suporte mesmo do exercício de escuta, como encarnação da “função psicanalista.” (idem, p.24), mas, a nosso entender, fala-se pouco sobre o corpo do analista, de modo geral, nas produções lacanianas, enquanto outras linhagens o abordaram e continuam abordando ao discutir a contratransferência. Vejamos como ele apresenta o assunto:

O meu interesse é pelo corpo do psicanalista *em transferência*, este corpo que entra em cena literalmente falando. (...) Corpo que está em jogo quando um paciente sente que precisa levantar do divã e “olhar nos olhos” do analista, como que em busca de uma intimidade ou cumplicidade que necessita da *materialidade*. Ou, por outro lado, presença que incomoda e provoca vergonha, que precisa ser negativa pela passagem ao divã, que obstrui a livre associação (MATTUELLA, 2020, p.24).

É um texto interessante. Ele nos propõe três modos de pensar a experiência do corpo do analista na transferência. O corpo estranho, o corpo do texto e o corpo

⁵Cunhamos esse termo com o intuito de explorar um para além do par positivar/negativar proposto pelo autor. Podemos escutar seu uso na linguagem informal como uma variação de negativar, mas ela não é uma palavra correta segundo a ortografia da língua portuguesa. Pretendemos com isso colocar em evidência a dupla operação de inscrição de uma perda, o depois que instaura e ratifica o que viria a estar lá. Retomamos, pois, a perda irreduzível e estruturante, aquela que diz respeito à causação do sujeito. Enfim, ao usarmos o “negativizado”, fazemos alusão à presentificação *nos* corpos da perda originária do objeto que será experienciada no corpo esburacado pela queda do objeto *a*, no corpo caixa de ressonância.

cênico. O primeiro é trabalhado a partir da experiência de estranhar o outro em si, consequência de uma constituição que vem pelo atravessamento do olhar/desejo do outro, “um corpo que é nosso, mas que nos aparece ‘de fora’, invade a transferência e nos coloca em questão.” (MATTUELLA, 2020, p.25). O segundo, corpo do texto, é referido pelo desgaste que sentimos no corpo, corpo que se cansa pois nele se escreve os significantes do analisante: “Quantas vezes saímos do consultório com a sensação de que deveríamos ter feito uma intervenção, mas por algum motivo não fizemos? É como se este significante que precisaria ter sido sublinhado tivesse ficado encarnado em nosso corpo” (idem, p.33).

Esse corpo é o que mais poderia se aproximar do *em-corpo* que aqui propomos, já que este não é sem a inscrição do significante, mas para por aí, neste corpo “(...) suporte para inscrição de um saber inconsciente.” (idem, p.39) e que o analisante pode “eventualmente” se dispensar, ou seja, ele não dá sinais de abordar o corpo enquanto sensível ao significante. Por último, o corpo cênico é aquele “(...) que ganha consistência no próprio laço *transferencial*. Quando falo da cena transferencial, me remeto a este espaço invisível em que analista e analisando constroem um palco no qual a neurose é encenada e os corpos são figurados e *fantasiados*” (idem, p. 42).

Parece-nos que, ao trabalhar esses três modos de experiência com o corpo do analista, ele apresentou experiências com o corpo *pelo* analista. Em outras palavras, como o analista vivencia o estranhamento de seu corpo, o desgaste e o uso que o analisante faz dele. É de suma importância que possamos falar dos efeitos da transferência em nosso corpo, efeitos subjetivos ressalta-se. Mas, o corpo que nos interessa é aquele que não nos oferece grandes margens para a subjetivação, pois ele ex-siste a esse campo do estranhamento, da escrita e do uso.

Em verdade, isso que expomos escapa às palavras. Tem sido inclusive um grande desafio discorrer sobre ele. A escrita experimenta sua intangibilidade. Dizemos isso porque tivemos a impressão de que o mesmo aconteceu com algumas produções que encontramos sobre o corpo do analista, como se elas vislumbrassem algo para além do corpo positivado, mas este mesmo algo fizesse malograr o intento. Isso é indicado por Eliana Leite (2006) em “O corpo do analista: clínica, investigação, imaginação”, quando ela nos fala sobre a ocorrência de sensações e manifestações corporais e de um “algo a mais” na comunicação analítica:

Examinar mais de perto estas manifestações, tentar abordá-las com os recursos da metapsicologia, interrogar o modo pelo qual o corpo do analista participa do seu trabalho — em sua dupla natureza de investigação e clínica — poderiam ser propostas de uma reflexão que, no entanto, quase sempre permanece apenas sugerida (p. 79-80).

A autora denuncia sem rodeios a esquiva em interpelarmos o corpo do analista, ele “(...) parece ser resguardado por uma sorte de recato investigativo, talvez o mesmo que levou Freud a colocá-lo fora de vista, mas tal disposição não o exclui nem faz dele um corpo inerte” (p.80). Sua hipótese é de que seria uma concessão falarmos dos afetos no corpo do analista, já que, de acordo com os princípios do método, nós operamos pela palavra e não pelos afetos. Contudo, percebe-se pelas produções que cada vez mais o corpo é mencionado como uma “(...) superfície de repercussão desta escuta, sujeita hoje à incidência de formas de organização psíquica que *se fazem sentir* mais do que se dão a ouvir.” (LEITE, 2006, p.82).

Deste modo, Leite (2006) provoca os analistas a investigar como o corpo toma parte no desenrolar de uma análise. E ao mesmo tempo em que ela provoca, ela procura uma resposta. Seu caminho de construção inquire sobre os processos que acontecem do lado do analista, ela procura quais os impactos da linguagem e dos elementos extraverbais na recepção daquele. E para substancializar seu pensamento, a autora desenvolve a ideia freudiana de regressão às imagens visuais, princípio da figurabilidade do inconsciente, para dizer que a afetação no corpo do analista acontece pela entrega à regressão alucinatória. Vê-se pela argumentação que a autora se aproxima das vertentes que leem a relação transferencial como constituída em dois polos, analista/analisante, havendo, pois, dois inconscientes em jogo.

Estivemos em compasso com Leite (2006) em suas provocações, seus remarques sobre as manifestações no corpo do analista e o “algo a mais” notado. Apesar desses pontos de convergência nos distanciamos da vereda contratransferencial e a relação entre inconscientes. É justamente para que nossa trajetória não se confunda com pontos de vista polarizantes que empregamos a noção de *em-corpo de analista*. Isto significa que, ao falarmos de um corpo em transferência, localizamo-lo topologicamente na banda de Moebius, não é corpo do analista e corpo do analisante, mas *em-corpo* operando pela lógica de uma fita unilátera que ao mesmo tempo que é dentro é fora.

Mas vamos seguir um pouco mais nos diálogos com as produções contemporâneas que tangenciam nossa temática. Encontramos nos pensamentos de Simone Wiener (2008), *Parfum de corps dans la cure*, reverberações com o que estamos discorrendo e, sublinha-se, também compartilhamos o mesmo campo dentro da psicanálise, o campo laciano. Ela inicia seu texto dizendo que o tecido da transferência se trama com elementos heterogêneos, sejam eles, a língua singular do analisante e aquilo que do corpo se mobiliza.

Para Wiener (2008), o corpo é o elemento que torna possível a construção de um discurso como fonte daquilo que não passa pela mente, mas, pelos sentidos, e induz a produção simbólica. No que concerne ao corpo, ela o situa, lacianamente, em uma estrutura topológica na qual os três registros corporais estão enodados, o corpo imagem, o corpo do simbólico subjetivado como meu e o corpo real. Este último seria responsável por sinalizar a presença do analista escondida detrás do divã, que, por estar fora da captura do olhar, tem sua dimensão real privilegiada: “Surge um efeito de presença⁶” (p. 121).

Sob este ângulo, a presença estaria articulada às manifestações corporais como um arranhar de garganta, um cheiro, um espirro, enfim, indícios de que há ali uma presença, do real: “O corpo do analista é antes de mais nada o índice de um real, de uma presença. O que coloca em perspectiva aquela parte inevitável da análise que, para ter lugar, para ser realizada, passa pelo corpo⁷” (p.121). A autora faz inclusive menção à ressonância da voz ao dizer que, ao nos deitarmos produzimos, pela voz, efeitos únicos de presença corporal, também situa o olfato e o paladar como estímulos à enunciação do sujeito, como um gatilho à uma reminiscência que seria combustível da associação livre.

Entendemos a partir de nossa leitura do texto que quando ela questiona: “Será que um analista se envolve com o seu corpo numa análise⁸?” (Wiener, 2008, p.119), o que ela quer efetivamente destacar é como a presença corporal do analista atua como alavanca à fala do analisante, sendo um estímulo ímpar, já que envolto no laço

⁶ Tradução nossa: “Un effet de présence en ressort” (Wiener, 2008, p.121).

⁷ Tradução nossa: “Le corps de l’analyste, c’est avant tout et après tout l’indice d’un réel, une présence. Celle qui met en perspective cette part incontournable de l’analyse qui, pour s’effectuer, pour se réaliser, en passe par du corps.” (Wiener, 2008, p.121).

⁸ Tradução nossa: “Un analyste s’engage-t-il avec son corps dans une analyse?” (Wiener, 2008, p.119).

transferencial. Isso nos remete ao efeito de ritmo da respiração de Lacan à associação de Lasnik (2009). Mais uma vez, portanto, nos deparamos com uma produção que abarca o corpo do analista circunscrevendo o *lado do analista*, por mais que a autora o tenha articulado como estímulo à associação do *lado do analisante*.

Figura-se, assim, que nosso ponto de torção às proposições dos colegas chamados para a conversa perpassa a desafiadora tarefa em tangenciar o corpo que ex-siste na situação analítica que não é sem esse corpo imaginário-simbólico por eles abordado. Desta forma, os corpos como sustentação imaginária e como estímulo perceptivo fazem parte do encontro analítico, não há dúvidas quanto a isto. Esses corpos, como vimos, podem ser positivados e negativados e isso não necessariamente coloca impasses à operação da transferência. Questiona-se, contudo, se ao subtrairmos a presença dos corpos, dos corpos negativizados, teríamos efeitos na função do analista.

CONCLUSÃO

À guisa de recapitulação, concluímos que a presença do analista é a operação da transferência, isto é, o enredo que cada sujeito cria ao investir a figura do analista como aquele que sabe algo sobre ele que ele mesmo não sabe. E para que esta presença se institua é preciso que haja um tempo de confrontação entre os corpos, quer dizer, que os corpos sejam colocados face a face (Lacan, 1971-72). É necessária, portanto, a impregnação do imaginário do outro para que, com o engendramento do discurso analítico, o analista possa sair do campo de visão no entre poltronas.

Certo, até aí nada que já não tenha sido dito e teorizado. A questão é que com as novas tecnologias a favor do “progresso” civilizatório, a presença do analista começou a ser uma expressão controversa. Por mais que ela não esteja forçosamente ligada ao encontro entre os corpos, não podemos excluir a necessidade de que a função Sujeito Suposto Saber se materialize e faça retornar ao analisante sua mensagem invertida. Melhor dizendo, é preciso que o analista intervenha, que ele também pague com suas palavras para que o falante escute o que ele não pode escutar por si mesmo.

Mas este ainda não é o ponto principal da querela. Como dissemos, a ausência “eventual” do analista não impede que sua presença continue operando, temos a anedota de uma análise com Lacan em que este sai para atender a um telefonema e diz ao analisante: “Que isto não impeça você de continuar sua sessão durante minha

ausência.” (Allouch, 1999, p.35). Pois bem, a querela está na qualidade desta presença, o que não tem que ver com a autenticidade do analista como pensava Nacht, mas se essa presença exclui ou não o corpo negativizado.

O corpo negativizado é o corpo caixa de ressonância, corpo sensível a algo que ressoa do significante (Lacan, 1975-76/2007). De sorte que isso que ressoa demanda mais do que um face a face entretelas, pede o encontro, tal qual na física, de corpos de frequências próprias em um campo em que elas possam se propagar e entrar em equilíbrio ou desequilíbrio segundo a frequência de ressonância de cada sistema. De acordo com Didier-Weill (2010), o corpo humano é uma flauta, outra imagem, como a caixa de ressonância, usada para representar os vazios do corpo do falasser, efeitos da encarnação/encarnação da linguagem.

O que estamos dizendo fica ainda mais claro quando nos lançamos na experiência com a arte. Se formos pensar, por exemplo, na apresentação de Troy Andrews, conhecido como Trombone Shorty⁹, na qual a técnica usada pelo artista faz com que aqueles que estavam na plateia experimentassem em átimos de segundo a suspensão do tempo, eles são absorvidos pela continuidade do som e diante do insuportável no corpo procuram recuperar a descontinuidade batendo palmas. Não havia intencionalidade consciente naquelas palmas, elas foram uma resposta reflexa para afastar a aproximação do real veiculado pela continuidade e repetição de notas demasiadamente próximas entre si, em tensão, exigindo uma resolução que o ouvinte não sabia quando iria chegar.

Nós que não estávamos lá diante do mestre do trombone tivemos o ímpeto de cortar o vídeo? Me parece que não. Experimentamos certo desconforto, ficamos escandalizados, admirados, por certo, mas não ao ponto de nos impelir à um ato de corte. Estamos “protegidos” pelas telas. Essa proteção é bastante contraditória, pois se ela nos coloca ao abrigo da ressonância do real – mediado pelo arranjo sonoro –, ela nos priva de uma experiência estética invocante daquele vivente perdido.

O real, em sua potência de encontro, ressoa e atualiza o reencontro da linguagem com o corpo. Há um ponto de real na linguagem, *lalíngua*, que toca o corpo e nos lembra sua origem, perdida, por certo, mas presente em efeitos que dão existência ao corpo vivente. Esses efeitos não são de sensações e emoções que possam ser transcritos para o campo das representações, seja pela via das palavras

⁹ Acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=-nEtknoOdxI>.

ou dos sentimentos, são efeitos que teremos notícias apenas pelo furo no simbólico ou ainda pela recusa em se fazer furar, como no caso dos autistas (Vivès, 2012).

Há, portanto, uma diferença na comoção corporal, isto é, na experiência estética do corpo se estamos próximos ou à distância daquilo que ressoa. Nesta perspectiva, nos interessa salvaguardar que, ao nos encontrarmos à distância com nossos analisantes, via remota, estamos nos “salvando” do encontro com esse real ressonante. Estaríamos então nos furtando da função de analista?

Se a função do analista é não outra que garantir o ato analítico, “O que é ser psicanalista? É para este alvo que se encaminha o que tento dizer este ano, sob o título ‘o ato psicanalítico’”. (Lacan, 1968/n.d., p. 213). Não há ato analítico fora da transferência, mas isso não certifica que, porque há transferência, haverá ato analítico. Ou seja, a presença do analista não é garantia de que a função do analista está operando. Nas palavras de Lacan (1968/n.d):

(...) fica a cargo do psicanalista que estabeleceu, permitiu, autorizou as condições do ato, ao preço de que ele mesmo venha a suportar essa função do objeto pequeno “a”. O ato psicanalítico é, evidentemente, o que dá esse suporte, autoriza a realização da tarefa psicanalisante. É na medida em que o psicanalista dá a esse ato a sua autorização, que o ato psicanalítico se realiza. (p. 233)

De fato, melhor do que falar em garantir o ato analítico é falar que o analista é responsável por estabelecer, permitir e autorizar as suas condições, dado que pela sua própria estrutura lógica, só o sabemos pelos seus efeitos. Segundo Lacan (1968/n.d), a estrutura do ato consiste em, ao ocupar o lugar de objeto *a*, dejetar caído do próprio percurso de análise, o analista autoriza a tarefa psicanalisante.

Por este ângulo, o ato do analista sustenta a transferência de saber do lugar daquele que supostamente sabe e não do que sabe conforme esperado pela fantasia do analisante, de modo que essa lógica comporta a renúncia à posição de mestre a ele atribuída pelo analisante. Frisa-se que essa renúncia não é fruto de uma decisão simples, mas de um ato, ato em se confrontar com o impossível. Em última instância, é uma falsa renúncia, pois estaríamos abrindo mão de algo que nunca tivemos.

Mas o destino da fé que alimenta a tarefa psicanalisante é ir gradualmente, ato após ato, esmaecendo. Temos então uma conta que não fecha, pois se o ato autoriza e instaura a tarefa psicanalisante, seja a fé no Sujeito Suposto Saber, justamente por não responder do lugar de mestre algo se dá na experiência do ato que torce ainda

mais a relação do falante com o saber. Ele entra tendo certeza de que o analista sabe e sai sabendo da certeza do Suposto Saber do Sujeito.

Isto quer dizer que a estrutura do próprio ato é desacreditar aquilo que ele inicialmente autoriza. A mutação operada na relação do sujeito com a verdade é consequente do desvendar do semblante que havia ali, sem desgosto, sem gratidão, sem nostalgia, simplesmente porque não poderia ser de outra forma. O saber é dado em ato e suposto apenas depois, “O ato analítico, sejam quais forem suas manifestações, é isso: posicionar um inconsciente, que em si mesmo não se posiciona, e que, por isso, o analisando poderá supor, pois a suposição é retroação da posição.” (SOLER, 2012, p.54).

O que então na estrutura do ato analítico nos implica na descrença da suposição de saber no Outro? Melhor dizendo, na realização de que o saber não existe *a priori*, mas ele ex-siste ao ato de fala? Ele nos abre para a experimentação com o inconsciente real, aquele que vai na contramão da transferência de saber precisamente por que revela o malogro dessa transferência, daí que “Todo o problema é passar ao inconsciente real pelo trabalho da transferência.” (SOLER, 2012, p.56). A complicação que envolve o ato e o fazer do analista está, portanto, no fato de que ao mesmo tempo em que faz uso da transferência ele tem em sua direção sua liquidação.

Assim, sendo função do analista criar e autorizar as condições do ato analítico, é igualmente sua função suportar o fim da empreitada em que se meteu. Ele entra para sair, para cair. Isto quer dizer que a função do analista está diretamente implicada na direção de desfecho de uma análise, o que só possível pela experiência com o inconsciente real:

Vale dizer que o inconsciente real não se ensina e só se assegura para cada um na experiência singular de elaboração que é sua análise, além disso, com duas condições: que o inconsciente seja antes de mais nada suposto (transferência) e que o ato analítico forneça ‘o parceiro que tem a chance de responder’ (SOLER, 2012, p.61).

Parece-nos cabal a ressalva de Soler (2012) sobre não se ensinar o inconsciente real. Coadunando com o que temos como hipótese deste trabalho, se ele não pode ser ensinado, já que sua estrutura é avessa ao campo da representação, é de sua natureza ser experimentado. O ato analítico é, nesse sentido, via de experimentação do inconsciente real, experimentação compartilhada entre parceiros, pois ali ninguém sai ileso.

REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, J. (1999). *Alô, Lacan ?É claro que não.* (Trad. S. R. Felgueiras). Rio de Janeiro:Companhia de Freud.
- BENJAMIN, W. (1935-36). A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In : (Trad. Sérgio Paulo Rouanet) *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* – 8º Ed. Revista – São Paulo:Brasiliense, 2012.
- DIDIER-WEILL, A. (2010). *Un mystère plus lointain que l'inconscient.* Paris : Flammarion.
- LACAN, J. (1953). Função e Campo da fala e da linguagem. (Trad. V. Ribeiro). In *Escritos.* Rio de Janeiro : Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1964). *Seminário, livro11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* (Trad.M.D. Magno). Rio de Janeiro : Zahar, 2008.
- LACAN, J. (1967-68/n.d.). *O seminário, livro15: O ato analítico.* Inédito.
- LACAN, J. (1971-72). *Seminário : O saber do psicanalista.* (Trad. A. I. Corrêa, L. P. Fonsêca, N. Z. Frej). Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- LACAN, J. (1975-76). *Seminário, livro23: O sintoma.* (Trad. S. Laia e A. Telles). Rio de Janeiro : Zahar, 2007.
- LADEIRA, J. A. (2014). *Sobre a presença do analista na direção do tratamento: algumas reflexões atuais sobre o tema.* Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- LASNIK, M. C. (2009). Ritmo, presença, voz, respiração. Testemunho sobre o manejo da transferência em Lacan – Marie-Christine Lasnik. In: *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários.* (Org. A. Didier-Weill e M. Safouan) (Trad. C. Berlinier). 57-71. Rio de Janeiro:Zahar.
- LEITE, E. B. P. (2006). O corpo do analista: clínica, investigação, imaginação. In: *Jornal de Psicanálise.* 39 (71). 79-99. São Paulo.
- MATTUELLA, L. (2020). *O corpo do analista.* Porto Alegre : Artes e Ecos.
- SOLER, C. (2012). *Lacan, o inconsciente reinventado.* (Trad. Procópio Abreu). Rio de Janeiro: Cia. De Freud.
- VIVES, J.M. (2012). *A voz na clínica psicanalítica.* Rio de Janeiro: Contra Capa.
- VOLTOLINI, R. (2018). O psicanalista e a Pólis. In: *Estilos clin.,* v. 23, n. 1.47-61. São Paulo.
- WIENER, S. (2008). Parfum de corps dans la cure. In : *La clinique lacanienne.* 2008/2; n. 14. Éres. 113-121.

THE ANALYTIC ACT AND THE (NEGATIVIZED) PRESENCE OF THE ANALYST

ABSTRACT

This paper aims to problematize the practice of online consultations from the notion of presence of the analyst and the function of the analytical act in a process of analysis. To do so, we will discuss the place of the body of the analyst and the sensitivity in the field of psychoanalysis, thinking the experience of analysis as an experience with a sensitivity in resonance. We are, thus, convoked to sustain a different sensibility, the one that consents to the resonance of the real.

KEYWORDS: Analytic act. Resonance. Presence. Body. Real.

L'ACTE ANALYTIQUE ET LA PRÉSENCE (NÉGATIVÉE)

DE L'ANALYSTE

RÉSUMÉ

Cet article vise à problématiser la pratique des consultations en ligne à partir de la notion de présence de l'analyste et de la fonction de l'acte analytique dans un processus d'analyse. Pour cela, nous aborderons la place du corps de l'analyste et du sensible dans le champ de la psychanalyse, en pensant l'expérience de l'analyse comme une expérience avec un sensible en résonance. Nous sommes donc convoqués à soutenir une autre sensibilité, celle qui consent à la résonance du réel.

MOTS-CLÉS: Acte Analytique. Résonance. Présence. Corps. Réel

RECEBIDO EM 15/07/2021

APROVADO EM 20/08/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanalisebarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO